

Do Lugar à Peça

Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente

Cristina Amaral Craveiro

Arqt^a Inês Lobo . Arqt^o Joaquim Moreno

Fevereiro 2015

Departamento de Arquitectura

Mestrado em Arquitectura Universidade Autónoma de Lisboa

"Na Natureza nada se cria, nada se perde , tudo se transforma "1

1 LAVOSIER , António . *"Lei da Conservação da Matéria "*

Agradecimentos.

Em primeiro lugar aos meus professores, Inês Lobo, João Vaz e Joaquim Moreno, pela enorme paciência e ajuda que me ofereceram.

Aos meus Pais, Irmãos e Nina, porque sem eles nada seria possível.

Aos meus amigos pelo que são e por terem sempre acreditado.

Em especial,

Joana Amaral Craveiro

Tomás Forjaz

Marta Corrêa Nunes

Abstract .

Do Lugar à Peça . Ligar duas realidades

A pesquisa de uma resposta de como se desenha e se relaciona duas áreas da cidade é procurada na compilação bibliográfica escolhida, onde se conseguem extrair uma serie de premissas que influenciam e originam o conceito do projecto.

É através da análise do sistema da Cidade, das relações físicas, visuais e emocionais, da forma como se habita como se relacionam os espaços e os lugares, que surge a estratégia de acção no Parque de Monsanto em Lisboa. É na resposta a esta procura que surge a possibilidade de não existir nenhuma definição fixa para o conceito de limite, qualquer alteração, menos ou mais visível, vai mudar / alargar a percepção que se tem sobre o espaço. Pode converter-se numa “costura”; uma linha que relaciona e interliga duas áreas da cidade.

From the place to the piece. Connecting two realities

The search for an answer of how to draw and relate two areas of the city is sought in the chosen bibliographic compilation, which you may extract a series of assumptions that influence and originate the concept of the project. It is through the City system analysis, the physical, visual and emotional relations, by the way people live and how they relate areas and places, that arises a strategy for action in Monsanto Park in Lisbon. It is in response to this demand that the possibility of not having a fixed definition for the concept of limit emerges: any change, more or less visible, will change / extend the perception we have of the space. It can be converted into "sewing"; a line that relates and connects two areas of the city.

Índice

Capítulo I

01 02	Introdução .
03	Lisboa . Monsanto Identidade do Território
04 05	Lisboa
06 07	Planta de Lisboa . Contextualização
08 11	Crescimento da Cidade de Lisboa
12 13	Evolução Parque de Monsanto
14 15	Entre Monsanto e o Rio Tejo
18	Evolução Malha Urbana
19	Evolução Sistema de distribuição de água
20 21	Desenhar a Cidade . Zona de Intervenção
22 23	George Simmel . <i>The Metropolis and metal Life</i>
24 29	Gordon Cullen . <i>Paisagem Urbana</i>
30 31	Manuel Solá - Morales . <i>Os Centros das</i> <i>Metrópoles</i>
32 33	Manuel Solá - Morales . Parque da Cidade
34 35	A Cidade e a Representação . O Teatro
36 37	Representação . Lisboa
38 39	Teatro del Mondo . Aldo Rossi
40 41	Do Lugar à Peça . Evidenciar a relação
42 43	Conclusão

Capítulo II

44 45	Eleição do Lugar na Cidade . Bairro do Caramão da Ajuda
46 47	Estratégia . Conceito
48 49	Contextualização . Bairro do Caramão da Ajuda
50 51	Memória do Lugar
52 53	Ligação da Cidade a Monsanto
54 55	Ligação da Cidade a Monsanto . Percurso
56 57	A Peça . Proposta
58 59	Implantação
60 61	Plantas
62 63	Axonometria
64 65	Corte a a'
66 67	Corte b b'
68 69	Corte c c'
70 71	Corte d d'
72 73	Corte e e'
74 75	Corte f f'
76 77	Corte Construtivo
78 79	Espaços 3D
80 81	Fotografias da Maquete
82 83	Bibliografia

Introdução.

Na cidade de Lisboa, mais propriamente o Parque Florestal de Monsanto, foi pedido que se resolvesse a falta de permeabilidade entre esta mancha verde e a estrutura da cidade através de um programa público, um teatro, Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente.

O trabalho é dividido em duas partes que se suportam mutuamente, sendo portando indissociáveis.

A relação entre a arquitectura e o lugar obriga a uma reflexão sobre o tema da cidade.

Um elemento escrito composto por pesquisas e reflexões acerca de temas que levam a realização do projecto.

É através de uma análise gráfica ao lugar, Lisboa, e da procura de ligações entre a cidade e o Parque de Monsanto que se limita a zona de intervenção, limite sul, entre o parque o rio Tejo.

A procura da ligação entre os dois sistemas origina a estratégia de ação na malha urbana; o projecto desenvolve-se no limite entre uma e outra realidade; cria uma continuidade e permeabilidade com a envolvente criando lugares de exceção

PAG.3

Lisboa. Monsanto

Identidade do Território

" Digo:

"Lisboa"

Quando atravesso – vinda do sul – o rio

E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse

Abre-se e ergue-se em sua extensão noturna

Em seu longo luzir de azul e rio

Em seu corpo amontoado de colinas –

*Vejo-a melhor porque a digo
Tudo se mostra melhor porque digo
Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência
Porque digo
Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
Com seus meandros de espanto insónia e lata
E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro
Seu conivente sorrir de intriga e máscara
Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
Lisboa oscilando como uma grande barca
Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
Digo o nome da cidade
- Digo para ver " 2*

2 DE MELLO BRYNER ANDERSON , Sophia . *in Navegações* , 1983

PAG.07

Lisboa, a cidade mais ocidental da Europa continental, situada na extremidade da Península Ibérica, assume geograficamente uma condição privilegiada. Edificada na margem direita da foz do rio Tejo, cria uma identidade única de relação na paisagem.

A sua implantação está associada à sua morfologia, é uma cidade edificada sobre colinas e vales que desaguardam no rio Tejo; permite com que se consigam estabelecer trocas comerciais desde muito cedo, os desníveis topográficos garantem uma maior proteção através do domínio visual e o Tejo uma fonte de água potável.

Desde as primeiras fixações na colina do Castelo e até ao século XVIII a evolução urbana da cidade, foi feita paralelamente e radialmente às margens do rio Tejo, estabelecendo uma relação longitudinal e constante com o mesmo.

Inicialmente a cidade expandiu-se em direção ao Terreiro do Paço, mais tarde com os novos limites da cidade, Cerca Fernandina, até ao Cais do Sodré e por último até Belém e Algés.

A malha urbana vai-se afastando da frente rio, mas sempre com uma intenção clara de criar ligações pendulares entre os núcleos edificados e o rio Tejo.

" Lisboa à beira-mar, cheia de vistas,

Ó Lisboa das meigas procissões!

Ó Lisboa de irmãs e fadistas!

Ó Lisboa de líricos pregões...

Lisboa com o Tejo das conquistas,

Mais os ossos prováveis de Camões!

Ó Lisboa de mármore! Lisboa

Quem nunca de viu, não viu coisa boa ! " 3

3 NOBRE , António . *in Despedidas* , 1895 -1899

Evolução da Cidade de Lisboa

PAG.09

No que diz respeito à evolução urbanística da cidade a Lisboa de hoje resulta de três grandes períodos, em que se tenta fundar uma Lisboa moderna.

O primeiro grande passo da evolução da cidade surge com o terramoto de 1755, que possibilita estruturar de novo a cidade de Lisboa, tendo como suporte levantamentos já existentes elaborados pelo Engenheiro Manuel da Maia , que tinha ideias muito claras de como se intervir na cidade , foi escolhida uma área muito alargada de intervenção para além da qual não se podia construir , estabelecem-se de imediato novos limites para a cidade que de Ocidente a Oriente iriam desde o Palácio das Necessidades , obra que estimularia a nova

expansão urbana entre a Junqueira e Belém , até Santa Apolónia passando pelo Rato, Campo de Sant'Ana e Sapadores , uma área com cerca de 670hectares.

Toda esta área foi planeada entre 1756-58, o terramoto possibilitou pensar a cidade como um todo; tendo em conta a lentidão de execução do plano e o facto de depender de investidores privados não foi possível cumprir esta estratégia por inteiro, ficando apenas pela zona da Baixa - Chiado , e pontualmente , consoante as necessidades da população , podemos observar planos de pormenor tais como a zona do jardim das amoreiras , praça da alegria e rua de São Bento.

O arquiteto Eugénio dos Santos é eleito pelo Marques de Pombal , para a execução do plano Baixa-Chiado , é uma arquitetura de programa que define toda a edificação excepto o interior dos quarteirões , trata-se de uma quadricula com vias bastante arejadas e com passeios para peões.

É uma intervenção rígida e autoritária que absorve elementos marcantes e estruturais da malha antiga da cidade, como é o caso das igrejas que tinham um papel central na estrutura de cada freguesia. Podemos dizer que existe uma segunda fase neste plano, momento em que as ideias concretas e inflexíveis do traçado pombalino vão ser alteradas positivamente. O plano inicial desenhava uma malha muito controlada onde só existiam duas grandes praças, o Terreiro do Paço e o Rossio; mas em 1792 surge a intensão de fazer o teatro de S. Carlos, o arquiteto José da Costa e Silva responsável pelo projeto percebe que não era possível “encaixar” o programa cumprindo as regras iniciais desta estratégia, surge então a primeira “falha” no plano, o arquiteto desenha uma praça que recebe a fachada do Teatro. Iremos aprofundar este tema mais a frente.

Com o decorrer do tempo vão aparecendo outros fatores que vão alterar a fisionomia da cidade de Lisboa. A demolição do passeio público (jardim murado) que se torna numa larga avenida, Avenida de Liberdade, que vai estruturar o crescimento da cidade, ligando a praça dos Restauradores ao Marques de Pombal e mais tarde vai ligar às Avenidas Novas e Campo Grande. Apesar do desaparecimento do passeio público existe uma vontade romântica de embelezar a cidade, foram desenhados diversos jardins entre os quais se destacam o Jardim Botânico, o Jardim da Estrela, e jardim do Príncipe Real. Com o desaparecimento

de muitas das ordens religiosas os conventos que marcavam e se relacionavam com varias zonas da cidade, vão ser adaptados e receber novas funções, como hospitais , escolas por ai adiante; este fator vai alterar bastante as vivências dos bairros e da cidade.

PAG.10

Na segunda metade do seculo XIX surgem as primeiras ideias de urbanismo nas cidades, o grande modelo de desenvolvimento urbano em toda a Europa é modelo Haussmann , o chefe de Paris Novo. Esta reforma que influenciou toda a Europa tinha como base cinco pontos fundamentais, o desenho de novas vias de circulação e o alargamento de outras já existentes, uma preocupação higienista na cidade, a edificação de edifícios públicos e de grandes espaços verdes e a divisão da cidade em distritos.

A partir deste modelo inicia-se me Lisboa o segundo período de evolução urbana na cidade levado a cabo pelo Frederico Ressano Garcia que encontra a cidade delineada depois do terramoto ou seja não tem necessidade de demolir a antiga cidade para aplicar os novos conceitos de regeneração.

É necessário referir os dois pontos fundamentais desta segunda fase urbanística. O primeiro desenho das Avenidas Novas integrado no “Plano Geral de Melhoramentos da Cidade” que podemos considerar uma extensão do plano pombalino é constituído pelo desenho das ruas adjacentes ao que é hoje o Parque Eduardo VII, da avenida Fontes Pereira de Melo e da Republica.

A estrutura do plano consiste numa malha ortogonal que se desenvolve centrada nos dois elementos de “distribuição” de fluxos, a rotunda do Marques de Pombal e a rotunda do Saldanha.

Existe a preocupação de manter as malhas antigas da cidade e incorporá-las no novo plano como é o caso do eixo de São Sebastião da Pedreira e a Av. Duque de Ávila.

PAG.11

Na terceira e última fase de desenvolvimento da cidade, o estado novo com o objectivo de controlar a expansão da cidade elabora um plano chamado Plano de Groer que vai ser levado a cabo pelo Engenheiro Duarte Pacheco, ministro das Obras Publicas, a partir de 1938.

O plano de Groer vai resolver premissas já antes levantadas, tais como a implementação de uma rede eficaz de transportes públicos, questões de saneamento e distribuição de água na cidade. Era fundamental criar um sistema de escoamento de passageiros e de produtos agrícolas e industriais, Duarte Pacheco é responsável pela Autoestrada Lisboa-Cascais e Lisboa-Vila Franca de Xira, pela avenida marginal que liga Lisboa a Cascais.

Numa primeira fase do plano são construídas várias obras importantes como o Instituto Superior Técnico, Casa da Moeda, e Instituto Nacional de Estatística. Um dos momentos mais importantes do plano é em 1940 a realização da Exposição do Mundo Português que expressa os ideias do regime, a cargo do arquiteto Cotinelli Telmo. O local escolhido para receber a exposição foi Belém, que estabelece uma relação quase direta com o Tejo, tendo em conta a dimensão do evento foi necessária uma renovação desta zona urbana. Apesar de todas as construções terem sido projetadas como efémeras, subsistem ainda algumas construções como o espelho de água o padrão dos descobrimentos e a praça do império. A plantação do Parque de Monsanto, 1938, fazia parte desta exposição, instalado no extremo ocidental da cidade é considerado o pulmão do plano Groer.

A partir deste momento começam a surgir novos planos para esta zona da cidade (zona de intervenção da parte prática deste trabalho) delimitada a norte pelo parque de Monsanto e a sul pelo rio Tejo. É elaborado o plano de habitação social da encosta da Ajuda e do Restelo, da autoria do arquiteto Faria da Costa.

Numa primeira fase é construído o Bairro da Ajuda à Boa-Hora, 1937, inicialmente destinado às classes menos favorecidas. Mais tarde por volta de 1933 surgem os primeiros bairros económicos que vão estabelecer-se principalmente em duas zonas da cidade, primeiro da periferia do Parque de Monsanto e mais tarde na zona entre o Campo Grande e o aeroporto. Esta intervenção tem como objetivo

oferecer aos habitantes mais desfavorecidos condições básicas de habitação e salubridade, de maneira de acabar com os chamados bairros de lata. Dentro do grande numero de bairros construídos na altura podemos destacar, tendo como base as suas condições arquitetónicas e urbanísticas, o bairro do Alvito , do Alto da Ajuda , Caselas e Belém.

Estes novos espaços normalmente edificados em zonas isoladas do resto do tecido urbano da cidade tentam de certa maneira remeter à vivência no campo, estas estruturas a nível de programa são bastante limitados existiam apenas dois edifícios, uma escola e uma igreja. Apesar dos recursos limitados destes planos existe uma preocupação de criar habitações unifamiliares, normalmente são moradias geminadas com um pequeno jardim à frente e nas traseiras do lote que se expandem ao longo de uma estrutura radial, um dos melhores exemplos é o bairro da Encarnação, nos Olivais, desenhado pelo arquiteto Paulino Montez em 1940. Do ponto de vista construtivo e programático o bairro do Caramão da Ajuda, projetado pelo arquiteto Luís Benavente em 1938, é o que apresenta características mais modestas e pobres no que diz respeito à arquitetura.

PAG.13

Analisando nos dias de hoje a relação do Parque de Monsanto com a cidade percebemos que esta grande área como centro estruturante do tecido urbano sempre foi periférica.

Estudando a história do território em questão percebemos uma vontade oposta, uma vontade de ligar este espaço à cidade.

A ideia surgiu em 1868 e volta a reaparecer com as ideias higienistas dos irmãos Mac Bride , que em 1925, dentro de uma perspectiva ainda utópica , imaginam para Lisboa um grande bosque, de 1800 hectares , rasgado de avenidas que se estendem de Monsanto ao Campo Grande.

Mas foi entre 1938 e 1949, que surge o Parque de Monsanto que conhecemos hoje em dia, da autoria do Arquitecto Francisco Keil do Amaral e do Arquitecto Joaquim Rodrigues. Um intervenção com diversas fases de construção que

desenha um equilíbrio entre a cidade e o parque, através de diversas estruturas ; miradouros, parques infantis, zonas de estar, um teatro ao ar livre entre outros.

Com a evolução urbana da cidade surge por parte do homem novos problemas e necessidades de circulação.

Apesar da relação aparente entre a cidade e o rio, as transformações territoriais, exigidas pelas necessidades do homem condicionam fisicamente o território.

Manifestando-se como limites e barreiras de contacto directo entre o Parque de Monsanto e a cidade e também entre a margem do rio e Lisboa.

Numa sobreposição, directa entre a análise da mobilidade e o que se constitui enquanto barreira física á relação directa entre Monsanto e a cidade, é possível considerar que mais de metade do perímetro do parque são grandes barreiras viárias e ferroviárias que dificultam o acesso ao mesmo.

Com a exceção do limite Sul, que apesar do limite ser evidente neste lado do território não encontramos uma barreira definida materialmente.

É sobre esta zona da cidade, delimitada a Norte pelo Parque de Monsanto e a sul pelo Rio Tejo, que se pretende trabalhar.

Entre Monsanto e o Rio Tejo.

Limite Sul. Zona de Intervenção

" Ó mar anterior a nós, teus medos

Tinham coral e praias e arvoredos.

Desvendadas a noite e a cerração,

As tormentas passadas e o mysterio,

Abria em flor o Longe, e o Sul siderio

Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa –

Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta

Em árvores onde o Longe nada tinha;

Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:

E, no desembarcar, há aves, flores,

Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis

Da distância imprecisa, e, com sensíveis

Movimentos da esperança e da vontade,

Buscar na linha fria do horizonte

A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –

Os beijos merecidos da Verdade. " 4

4 PESSOA, Fernando . in Mensagem . Horizonte

PAG.18

Desde o início do desenho das cidades o sistema de distribuição de água é fundamental para o funcionamento e desenvolvimento das mesmas. Este sistema cria uma hierarquia e "divide" a malha urbana da cidade.

Ao observar o desenvolvimento da rede de distribuição nesta zona da cidade percebe-se que inicialmente favorecia os edifícios de maior importância.

A partir de minas de água existentes nos terrenos do que é hoje o Parque de Monsanto foi desenhado um sistema de distribuição de água até ao Palácio de Belém, que abastecia o mesmo e a zona que o envolve através de chafarizes públicos, que desenhavam espaços de encontro e socialização.

Mais tarde com o crescimento da cidade este sistema foi-se expandindo, em 1678, até ao Palácio da Ajuda e arredores.

Com o aparecimento da EPAL o fornecimento de água a esta zona da cidade, inicialmente era feito através do reservatório de Monsanto com o apoio do

reservatório do Restelo e do reservatório de São Jerónimo. Actualmente é feito através do Reservatório de Campo de Ourique.

PAG. 19

Quando se analisa a evolução desta zona da cidade, pode-se afirmar que existem dois factores que influenciam a construção dos núcleos edificados.

O primeiro o rio Tejo, sendo Lisboa uma cidade ribeirinha existe uma vontade e necessidade que o crescimento da malha acompanhe a frente de rio; a segunda condicionante; os edifícios históricos ou militares que se tornam o centro de vários núcleos urbanos.

O sistema viário acompanha obrigatoriamente o crescimento do edificado, mas trata também de criar uma rede de escoamento de fluxo populacional e de mercadorias.

Até ao aparecimento do plano de Groer, referido anteriormente, não existe qualquer tipo de controle do crescimento urbano desta zona da cidade.

É perceptível que existe uma vontade de que a cidade se expanda para Norte, acompanhando os vários eixos perpendiculares ao rio que se vão construindo.

Enquanto que na zona Oriental de Lisboa, (para a direita do vale de Alcântara) vão surgindo vários planos de embelezamento da cidade, referidos anteriormente, na zona Ocidental, não existem vestígios desta vontade. Até à exposição do Mundo Português da qual faz parte a plantação do parque de Monsanto, os únicos espaços verdes existentes são privados e pertencem aos palácios, fortes, conventos.

A identificação e análise da evolução desta encosta da cidade surge como ponto de partida à questão que se pretende responder. Como se ligam duas realidades integradas na malha urbana da cidade?

Desenhar a Cidade.

Zona de Intervenção

PAG.23

A evolução espacial e social das cidades.

“The deepest problems of modern life flow from the attempt of the individual to maintain the Independence and individuality of his existence against the sovereign powers of society, against the weight of the historical heritage and the external culture and technique of life. This antagonism represents the most modern form of the conflict which primitive man must carry on with nature for his own bodily existence” 5

Georg Simmel , sociólogo alemão , em 1900 publica um livro “A Filosofia do dinheiro” e em 1903 através de uma conferência dada em Dresden na Alemanha publica o texto “ The Metropolis and Metal Life” que é versão ampliada do último capítulo do livro publicado em 1900. Este texto fala da relação que se estabelece entre o homem e metrópole e a influência que as cidades modernas têm na personalidade e na mentalidade de quem as habita, afirma que a economia do dinheiro molda a personalidade de vida urbana. Existem, individuais, e diferentes motivações (sentimentos),ao viver em sociedade é “obrigatória” a interação psíquica entre habitantes, influenciam e são influenciados uns pelos outros o que faz com que haja uma constante mudança da unidade.

“The psychological Foundation, upon which the metropolitan individuality is erected, is the intensification of emotional life due to the swift and continuous shift of external and internal stimuli” 6

Assumindo que a mudança social é um factor positivo e fundamental para a aproximar os habitantes e avançar no desenvolvimento da cidade e da sociedade, apesar de criar estragos em relações próximas devido a competitividade. Esta mudança é feita através de conflitos, que segundo Simmel é uma necessidade social, movidos por interesses, necessidades, sentimentos. A política económica

existente nas cidades altera o pensamento e consequentemente a personalidade dos habitantes, o dinheiro originalmente serve com instrumento de troca é uma ferramenta de avaliação de bens materiais que facilita o desenvolvimento económico da cidade, por outro lado cria discrepâncias sociais, que vão afetar as relações urbanas, induzindo a sentimentos de egoísmo e desconfiança. A relação dos humanos converteu-se em relação de materiais. Tanto os conflitos como a economia do dinheiro tem influência na mentalidade do homem que vão criar um novo carácter, “o blasé”. Ao viver em grandes cidades está-se sujeito diariamente a tantos estímulos e acontecimentos do quotidiano que ao fim de algum tempo deixa-se de ter capacidade de acompanhar e reagir a tais mudanças, passa-se a viver quase anestesiado devido ao excesso de estímulos nervosos.

“The essence of the blasé attitude is an indifference toward the distinctions between things.” 7

“This incapacity to react to new stimulations with the required amount of energy constitutes in fact that blasé attitude which every child of a large city evinces when compared with the products of the more peaceful and more stable milieu” 8

A questão é saber como gerir a relação conflitual estabelecida entre o ser humano e o espaço que necessita para viver.

“Habitar significa, portanto: ter uma locação fixa no espaço, pertencer a ela e nela estar enraizado. Entretanto, para que o homem possa ali permanecer de modo a se sentir protegido, o “lugar” da habitação não pode ser concebido como um simples ponto...” 9

5.6.7.8 SIMMEL , George . *The Metropolis and Metal Life 1903*, Tradutor Leopoldo Waizbort , Frankfurt , 1995

9 LUME , Jorge . *O Homem e o Espaço Urbano* , Revista Portuguesa de Psicossomática ,vol.1, num.2 ,Portugal ,1999

Thomas Gordon Cullen, 1914-94 arquiteto urbanístico inglês, é considerado uma referência pelo seu conceito de paisagem urbana.

Um método simples e objetivo de avaliar e analisar os espaços urbanos, que tem como objetivo organizar visualmente e espacialmente a cidade; tendo como base o impacto emocional provocadas pela mesma.

Quando se pensa numa família rural, acreditamos que não tenha muitas hipóteses (por falta de equipamentos) de ir ao cinema, a biblioteca ou ao teatro, enquanto que na cidade podem usufruir de vários tipos de programas. Se juntarmos dezenas, milhares de famílias no mesmo espaço, espaço urbano, permite imediatamente que se criem equipamentos coletivos. Ou seja uma cidade para além de um conjunto de habitantes é um espaço que proporciona certas facilidades e bem-estar que faz com que a maioria das pessoas prefira viver em cidades.

Quando se fala de um edifício isolado estamos perante uma obra de arquitectura, quando pensamos num conjunto de edifícios, cidade, temos diferentes sensações e relacionamo-nos de maneira diferente com o que nos rodeia; a “arte do relacionamento” a maneira como um grupo de elementos diferentes consegue criar um ambiente, através de emoções e interesses é o tema que o autor pretende desenvolver.

A visão, através da qual apreendemos o que nos envolve, tem o poder de invocar as nossas memórias e experiências, ou seja o meio que nos cerca consegue suscitar-nos reações emocionais, é com base nesta ideia que o autor vai tentar formular o seu conceito de Paisagem Urbana através de três fatores sensoriais.

PAG.25

- O primeiro ponto diz respeito à óptica e visão, em que o ser humano ao atravessar a cidade mesmo que seja a um ritmo constante a paisagem urbana vai mudando, “surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. É o que se entende por Visão Seral” 10. O objetivo é que através da própria cidade se consiga provar que existem impactos de ordem emocional. O cérebro reage a estímulos através de diferenças ou seja, ao caminhar na cidade percorrendo uma grande avenida que se prolonga a nossa frente o impacto emocional é relativamente pequeno porque assimila-se rapidamente o panorama inicial, torna-se uma cidade monótona. Por outro lado se se estiver a caminhar e se for estimulado por duas imagens ao mesmo tempo, rua e praça o cérebro reage ao contraste, a cidade torna-se com vida e dramática através das suas diferenças.

De maneira a perceber melhor este conceito de visão serial:

1-Imagine-se que se está a percorrer a planta de um lado ao outro  , em que cada seta numerada corresponde a um esboço do autor de diferentes pontos de vista..18.19.20 .

O percurso vai sendo modificado através dos vários contraste e estímulos que a cidade oferece, o percurso ganha vida.

10 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.11

PAG.26

- Em segundo lugar a importância do local, que se concentra nas reações do indivíduo perante o espaço em que se encontra e a sua posição perante o mesmo.

Assumindo que o corpo humano instintivamente se relaciona com o meio-ambiente em que se encontra, o sentido de espaço ganha uma grande importância.

Tendo como base o conceito de visão serial, o ver e observar a cidade, surge na paisagem urbana um novo conceito, **Aqui e Além** . Ao se caminhar pela cidade consegue-se observar o que está à volta, o aqui, mas também se consegue observar algo que está presente mas ao mesmo tempo fora do alcance, mais longe, o além. É exatamente a partir deste conceito que surge em grande parte a expressividade urbana; público/privado, interior/exterior, alto e baixo entre outros.

Utopicamente quando se pensa em cidades, esta associada a ideia de estradas e vias de circulação viária e pedonais, e os edifícios e relações sociais e profissionais, mas na realidade estes conceitos não se cumprem e a cidade vive exatamente desses “quebrar de regras”, as cidades ganham movimento através das apropriações do exterior, espaços, linhas, praças, recintos entre outros; que vão ser ocupados de maneiras diferentes consoante a necessidade que quem os ocupa.

A partir desta ideia surge um novo conceito, **Ponto Focal**. A ideia de cidade como ponto de encontro é indiscutível desde os princípios da história até ao séc.XX, estes momentos de reunião poderiam acontecer tanto em fóruns romanos como à volta de um pelourinho sem perder ou questionar o seu propósito. O ponto focal surge a partir deste momento, um elemento vertical fixo que “abraça” quem está à sua volta.

Se imaginar um espaço totalmente vazio sem qualquer limite ou referência vertical seria um espaço desabitado, o ser humano por razões diferentes uns dos outros sentem necessidade de se protegerem através de um elemento fixo nas atividades exteriores, sociais e comerciais.

Da mesma maneira que necessitam que exista um limite, conceito de **Delimitação do espaço**. “ A delimitação consiste numa quebra de continuidade que obriga o olhar a deter-se, mas sem bloquear a nossa sensação de progressão “ 11, ou seja

o conceito de delimitação é elaborado através da divisão do sistema da cidade em diversas fatias que se relacionam entre si através do movimento - percurso.

Esta diversidade de espaços delimitados são o resultado de um desenho irregular da cidade, que a torna misteriosa para o seu ocupante . Estes fragmentos dividem o percurso numa sucessão de vistas surpreendentes que estão ligadas à seguinte, esta revelação da cidade aos poucos enriquece fortemente o ato de andar na mesma.

Pode-se diferenciar os espaços não só através dos seus limites desenhados mas também através da sua implantação, os **Desníveis**, e das sensações que provocam, as reações perante estas variações são acentuadas antes de mais nada pela posição que se ocupa no território “altura equivale a privilégio, profundidade a intimidade”¹².

11 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.49

12 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.179

PAG.27

Abaixo do nível médio o homem sente-se encerrado, claustrofóbica uma sensação de intimidade e inferioridade, caso se esteja a cima é se invadido por uma sensação de superioridade, de domínio.

“ o acto de descer significa baixar ao encontro daquilo que conhecemos enquanto que o de subir implica ascender ao desconhecido “ ¹³

A maneira de conseguir jogar com estas variações de cotas é uma parte bastante importante no desenho da cidade, cada elemento adquire um significado através da relação que estabelece com os níveis em que se encontra e que o rodeiam. Estas variações podem ser utilizadas de uma maneira funcional para separar ou para unir fisicamente diversas atividades, dentro de um edifício ou na via pública.

Para além dos declives, as divisões de espaços também podem ser marcadas através de materiais. A vida na cidade é enquadrada por elementos verticais (fachadas), o céu e estradas que ganharam uma dimensão colossal nas cidades modernas, (o automóvel “controla” o desenho da cidade).

“ Se considerarmos que os arruamentos ocupam um terço da superfície dum quarteirão normal, ficamos com uma ideia do desperdício a que esta idade mecanizada nos obriga. ” 14

Não se pode negar que o fluxo viário rápido faz parte e é essencial à vida urbana das cidades, mas podemos condenar e criticar as dimensões que o mesmo ganhou nos últimos tempos. O uso de veículos privados facilita e proporciona um acesso confortável às várias zonas da cidade, mas o elevado número destas máquinas prejudica a vida urbana num dos seus aspetos menos óbvios mas mais importantes, a socialização entre indivíduos; que numa primeira análise pode parecer irrelevante comparando com o conforto de um transporte mas é uma das razões porque os seres humanos vivem em cidades e não isolados, para poderem partilhar e socializar.

A solução mais óbvia para controlar e diminuir fisicamente e visualmente as redes viárias da cidade seria através da proibição de circulação em determinadas zonas, tais como largos, praças e núcleos habitacionais. A implantação de novos **Pavimentos**  também iria articular, diferenciar e caracterizar os diferentes elementos da cidade, nos dias de hoje os pavimentos em vez de unirem e servirem como elo de ligação tornaram-se numa superfície de separação. É fundamental que os materiais aplicados nestas superfícies vão de encontro com os materiais, cores e texturas utilizadas nos edifícios para se conseguir criar uma certa homogeneidade.

É através da escolha e disposição dos materiais que a cidade ganha “uma paisagem urbana à escala humana: uma paisagem urbana humanizada” 15, o uso de materiais e os pormenores de desenhos dos mesmos podiam estipular um código visual, determinando combinações, comportamentos e limites.

Os limites, que muitos urbanistas chamam de **Restrições**  podem ser de diferentes tipos, não são obrigatoriamente vedações, muros ou gradeamentos.

Imagine-se um relvado apenas delimitado por um lancil de pedra, que têm implícito a ordem de não pisar a relva, o ideal seria apostar neste tipo de soluções, pressupondo que a sociedade conseguia cumprir estas restrições.

13 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.40

14 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.123

15 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.31

PAG.28

- Por último, o conteúdo. A maneira como cada espaço se relaciona com a envolvente, através de estilos arquitetónicos, épocas, cores, materialidade, escalas; esta variação de elementos “permite a criação de situações urbanas extraordinariamente expressivas através do relacionamento de todos estes fatores”¹⁶

Assumindo que existem diferentes categorias de paisagem, metrópole, cidade, arcádia, zona rural e solo virgem, apesar de não ser garantido que estas categorias continuem a existir infinitamente da maneira como as conhecemos hoje em dia é fundamental que se diferenciem umas das outras para evitar o caos.

Inicialmente existam modelos de cidades densas rodeadas de grandes extensões rurais, a lentidão dos meios de deslocação fazia com que existisse uma grande procura em habitar na cidade. A evolução constante que o ser humano é sujeito, especificamente o desenvolvimento dos transportes privados /coletivos e dos meios de comunicação, faz com que o funcionamento das cidades seja afectado.

Actualmente o centro das metrópoles estão lotados, a necessidade de centralizar o comércio e os negócios é cada vez menos evidente. A solução adotada passa pela procura de novos centros habitacionais que não a cidade, zonas rurais; esta

expansão faz com que as várias categorias existentes que se enumeraram anteriormente se comecem a aliar umas as outras. “ Vamos supor que a cidade tem um limite, e que a partir desse limite começa o campo. Haverá alguma razão para que isto não seja assim? (...) É a utilização de grandes barreiras para tornar a paisagem mais nítida e compreensível; não é de maneira nenhuma, um zonamento.” 17

Gordon Cullen identifica alguns exemplos de vantagens e desvantagens pertencentes a este fenómeno.

Individualização da paisagem, ao analisar-se a imagem que se segue img.36, uma estrada viária e pedonal, que se articula com a rede urbana viária mas que se confronta com uma nova verdade, o campo, percebe-se que existem duas realidades no entanto separadas por uma sebe que funciona como uma barreira de separação entre as duas.

De um lado existe o ruído e os perigos rodoviários que esta infraestrutura oferece, por outro lado um caminho calmo com uma vista sobre os prados.

16 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.79

17 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.61

PAG.29

Este tipo de relação, apesar de rara, img.37 também é possível verificar-se em pequenos núcleos edificados, nesta imagem existe uma relação direta entre duas categorias distintas da paisagem, a vila e o campo. Este confronto reforça o carácter de cada um dos elementos, por um lado a natureza desabrigada por outro a vila com os ruídos que lhe são associados. “Justaposição em função de uma maior expressividade e clareza” 18

A **Escala** é das ferramentas mais importantes na habilidade da justaposição; é a dimensão que uma estrutura/edifício assume perante a visão do ser humano. Geralmente a escala e dimensão trabalham como um só, um edifício grande tem uma grande escala e um edifício pequeno uma pequena escala; o papel do arquiteto passa por resolver a fronteira entre estes dois elementos e a forma como se relacionam. “É possível estabelecer a ligação, criando um sentimento de continuidade” 19

As intervenções nas cidades têm de conseguir conciliar os elementos naturais que já existem na paisagem urbana, **Integração de árvores**. As árvores são dos elementos mais antigos e com mais história na estruturação das cidades, foram utilizadas como verdadeiros elementos arquitetónicos, dispostas na cidade segundo padrões estereotipados. Nos dias de hoje as árvores são aceites por si mesmas,” uma presença viva que habita entre nós” 20, tornando possível estabelecer novas relações entre a arquitetura e as estruturas naturais.

“ a sua relação com os edifícios pode ser extraordinariamente expressiva, quer como extensão do seu conteúdo, quer como uma definição por contraste” 21

Por exemplo; img.38 na imagem estas estruturas verticais naturais assumem um papel de decoração, como um papel de parede que enfeita o edifício industrial. Na segunda imagem img.39 a árvore esta posicionada no centro do largo de uma vila ou cidade, para além do contraste que estabelece com a envolvente pode assumir a função de ponto focal, um dos conceitos referidos anteriormente.

“Hoje em dia a arte de combinar edifício e árvore baseia-se numa relação em que a árvore cede a sua riqueza ao edifício, e em que o edifício faz realçar as qualidades arquitetónicas da árvore, de modo a construírem um conjunto.” 22

18 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.63

19 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.80

20 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.170

21 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.84

22 CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* , Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo , Edições 70 Lda , Lisboa ,2013 . pag.39

PAG.31

Na conferência *Ações estratégicas de reforço do centro: Os centros das metrópoles - Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI*, Solá-Morales fala do papel do arquitecto e como o mesmo deve intervir nos centros das cidades.

Começa por esclarecer o que se entende por centro das cidades; existem várias possibilidades de identificar os centros urbanos; a primeira através do património, um conjunto de edifícios monumentais de grande valor arquitetónico que juntos criam a ideia de centro, através da história e da memória dos mesmos. Outra uma visão económica, em que se cria o conceito de centro como ponto onde confluem vários sistemas, transportes, comércio. Por último, a ideia de centro como território, que vai ser aprofundada pelo arquiteto ao longo da conferência, que afirma que quando se intervém nas cidades quanto maior for a aproximação de análise feita ao território, maior o número de incentivos e sugestões que recebemos, de como intervir na mesma.

Solá-Morales identifica três fatores que se deve ter em conta quando se projeta em cidade.

O primeiro a ideia de centro como desequilíbrio. A urgência e a possibilidade de romper fronteiras, ou seja não marcar um limite claro, a ideia de permeabilidade entre o centro e o território envolvente, esta liberdade assegurara a permanência; é necessário que exista uma constante relação com o exterior para que o centro não “morra”.

“O primeiro princípio da termodinâmica é que num sistema fechado, todo o intercâmbio de energia é mantida. O segundo princípio que a termodinâmica

moderna e, em geral, a bioquímica nos ensina é que num sistema fechado, toda a troca de energia produz um aumento de desordem. (...) Isto é muito importante para entendermos a cidade actual, porque certamente o conhecimento que mais nos permite conhecer a cidade não é a mecânica newtoniana, nem a economia do espaço que dela deriva, mas sim a lei do intercambio e a lei das transformações de energia, que nos permitem entender a troca, a vida. Nesse sentido o aumento do contacto com o exterior é o que permite a um sistema aberto manter-se em contínua exportação de entropia e, portanto, manter a sua própria vida." 23

O segundo fator é o tipo de programa que se deve desenvolver. O arquiteto defende que quando se intervém no "centro" é importante conseguir conciliar na mesma ação diversas vivências, habitação, espaço público, algum comércio ou seja edifícios híbridos.

A partir daí surge a questão de: O que se entende por espaço público?

Normalmente a ideia de espaço público surge como oposto a espaço privado, é um conceito que o homem do presente tem vindo a combater tentando caracterizar e definir espaço público de tal maneira que quase se tornou um espaço oficial automaticamente relacionado com cidade. Na realidade a cidade é onde o público e privado se misturam, onde o mesmo espaço consegue ter duas interpretações. Um exemplo onde esta dualidade é muito clara são os mercados, estruturas que são ao mesmo tempo público e privado é neste "entre" que a cidade se desenha.

" (...) o esforço verdadeiramente poderoso das cidades não é ter muito público, é coletivizar muito o privado, o que é diferente. É ter força para que o privado seja mais e mais público. Isto é urbanizar. Que o privado não seja tão privado, seja em parte público. O contrário é menos interessante. Mas o esforço verdadeiramente cultural, o que tem feito as cidades ao longo da história, é que as casas, jardins, teatros, comércio, hospitais, igrejas que poderiam ser privados tenham um débito público e sirvam como elementos coletivos." 24

O terceiro e último argumento, fala sobre a escala e o tamanho. É comum associar o significado destas palavras, mas são muito diferentes

" O tamanho não é escala"25

O tamanho são medidas físicas e concretas, a escala são medidas de referências com as quais se relacionam o pensamento, as vontades e o projeto dos arquitetos. A diferença entre estes dois termos é fundamental; projetar algo de grande escala não é necessariamente de grandes dimensões físicas/ tamanho/extenso.

Para fortalecer esta ideia o arquiteto aborda um termo de biologia, a profusão do pequeno como lei do progresso das coletividades; em que um único organismo (pequeno) fazendo parte de um sistema tende a multiplicar as suas partes.

“Nos temos um braço, mas pelo braço passa o mesmo que pelos cinco dedos. Pode ser que seja melhor funcionar com cinco dedos que com um tronco. Claro que os dedos são mais ágeis que o braço, pois os cinco dedos permitem-nos, aplicar uma estratégia mais fina, mais hábil.” 26

23 SOLÁ - MORALES , Manuel . Ações Estratégicas de reforço do Centro: Os centros das metrópoles - Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome, Viva o centro,Imprensa Oficial do Estado, São Paulo , 2001, pag 112

24 SOLÁ - MORALES , Manuel . Ações Estratégicas de reforço do Centro: Os centros das metrópoles - Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome, Viva o centro,Imprensa Oficial do Estado, São Paulo , 2001, pag 113

25 SOLÁ - MORALES , Manuel . Ações Estratégicas de reforço do Centro: Os centros das metrópoles - Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome, Viva o centro,Imprensa Oficial do Estado, São Paulo , 2001, pag 113

26 SOLÁ - MORALES , Manuel . Ações Estratégicas de reforço do Centro: Os centros das metrópoles - Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome, Viva o centro,Imprensa Oficial do Estado, São Paulo , 2001, pag 114

A linha de costa da foz da cidade do porto, foi desenhada ao longo dos tempos entre dois fortes, que delimitam esta zona da cidade, o forte de São João Baptista conhecido também por Castelo da Foz e o forte de São Francisco Xavier conhecido por Castelo do Queijo.

Foi junto ao forte de São João, edificado para defender a entrada da Barra do rio Douro, que se começou a desenvolver esta zona da cidade. É perto deste forte que se desenvolve um porto alternativo ao porto principal da cidade situada na margem do rio, porto de Carreiros . Devido á procura crescente a este acesso de chegada á cidade, por volta de 1869 constrói-se uma plataforma que facilita o acesso ao mesmo, plataforma do molhe. É a partir desta estrutura que se vai projetar a ligação a Leça.

Por volta do século XIX a freguesia da Foz do Douro passa a pertencer à cidade do Porto e transforma-se na primeira zona balnear da cidade , como tal surge uma preocupação em desenvolver esta área da cidade, vão ser desenhados jardins públicos novos acessos, várias habitações que se viram para o mar.

Mais tarde, já no século XX por volta dos anos 30 esta ideia de zona balnear vai ser reforçada e desenvolvida; vai ser desenhado um passeio público das avenidas Brasil e Montevideu; a praça de Gonçalves Zarco e a esplanada do Molhe junto a praia , que devido á construção do porto de Leixões em 1908, esta zona perde a sua função portuária e virasse para o passeio e lazer.

Estas intervenções impulsionam a reconstrução da frente de Mar , vão ser construídas diversas habitações ao longo da Avenida Brasil que reforçam esta linha e que assumem esta zona da cidade como área de habitação permanente.

No século XXI existe uma nova preocupação de reabilitar esta linha de costa, surge assim o Programa Polis do Porto para a marginal da cidade. O programa Polis envolveu cerca de 20 cidades portuguesas, através de requalificação urbana do espaço público existente tinha como objetivo melhorar a qualidade de vida das cidades

É dentro deste programa que surge a proposta do arquiteto Catalão, Manuel Solá-Morales para requalificar a frente de mar da cidade. É sobre um espaço urbano que se alastra entre a praia do Molhe e a Marginal de Matosinhos que o arquiteto vai trabalhar. É uma zona claramente marcada por duas realidades, o verde do parque da cidade e o azul do mar, mas que não se relacionam entre si.

PAG.33

O parque da cidade é considerado pelo plano regular da cidade do Porto em 1952 como “zona desportiva municipal”, por ser constituído maioritariamente por terrenos onde não se podia construir devido á sua composição. É uma grande área verde que se estende ao longo da Avenida da Boavista até a praia. A construção deste parque foi feita em várias fases o que permitiu controlar e repensar o próximo fragmento tanto a nível de projeto como de custos.

O parque desenvolve-se em torno de três grandes lagos artificiais que “unificam” visualmente a paisagem ao longo do vale até à linha de costa.

A proposta desenvolve-se através de duas vontades, trabalhar a relação entre a terra e o mar e trabalhar o “limite” paralelo ao mar.

A ideia é de quebrar as barreiras que existem entre estes dois sistemas; neste caso o obstáculo era uma infraestrutura viária, avenida marginal que se agarrava aos rochedos da praia.

O arquiteto começa por redesenhar, o limite paralelo ao mar, os acessos entre o Castelo do Queijo a Matosinhos (avenida marginal) através de um novo viaduto que se afasta da frente marítima, esta transformação permitiu que numa cota inferior o parque da cidade se conectasse com as praias do atlântico trabalhando assim a relação entre a terra e o mar.

A proposta trabalha a duas cotas, a cota do viaduto viário e também pedonal onde se estabelece uma relação constante visual entre os dois sistemas, e outra cota inferior, apenas pedonal que estabelece uma relação física e material com os dois sistemas, trabalha a relação terra e mar mas também desenha automaticamente uma passagem entre o passeio público do molhe até Matosinhos sempre paralelo ao mar.

Dada a grandiosidade da envolvente e da intervenção proposta surge a necessidade de “rematar” esta operação. Numa das extremidades do viaduto, a praça de Goncalves Zarco transformou-se numa rotunda que incorpora um parque de estacionamento semi- subterrâneo que possibilita a transição entre o sistema viário a praia e o parque.

Na ponta oposta o arquiteto “remata” através de um edifício; uma peça que se relaciona e trabalha como ligamento entre duas realidades agora conectadas, o parque da cidade e o mar. O edifício é pensado como um espaço que fortaleça as vivências nesta zona da cidade e que possa acolher diferentes atividades ao longo dos tempos.

O que á primeira vista parece uma pequena intervenção, na realidade ganha uma enorme importância e muda radicalmente a vivência e as relações destes espaços.

A Cidade e a Representação.

O Teatro.

PAG.37

Sabendo que existe uma contínua evolução cultural e social consequentemente existe uma evolução arquitetónica dos espaços de representação, nas cidades.

O teatro grego, era quase como um espaço de culto, localizava-se afastado da cidade com uma intenção clara de se relacionar com a natureza, era um espaço totalmente aberto ao público que se apropriava das condições topográficas existentes criando uma continuidade com a envolvente.

Por outro lado o teatro Romano localizava-se no centro da cidade valorizando-se dos seus ornamentos e estruturas, era uma construção semicircular mas ao contrário do anterior era uma estrutura fechada, ao longo do seu diâmetro.

Com a queda do império romano a instituição da igreja proíbe a continuação do teatro. Os artistas regressam às ruas e praças das cidades; o palco era improvisado, não existia um lugar fixo ou permanente para a representação.

As cidades eram o cenário do espetáculo.

Existe uma busca gradual por parte do teatro para tentar criar uma individualização dos espaços de representação.

No século XVII a atividade teatral em Portugal ainda não apresenta nenhum indício de uma estrutura fixa. As peças estavam limitadas a espaços privados, à Igreja as Universidades e ao Corte Real.

No entanto, na sequência de espaço urbano ocupado pelo teatro, surgem os Pátios de Comédia, estruturas construídas em pátios ou becos da cidade frequentadas pela classe baixa.

Só no século XVIII, mais tarde que no resto da Europa, com o teatro cantado; surgem em Portugal os primeiros espaços exclusivos, os teatros públicos.

Como é o exemplo da Ópera da Trindade ou Academia da Trindade, hoje conhecido como Teatro da Trindade; mais tarde o Teatro da Rua dos Condes; Teatro do Bairro Alto “foi palco de tanto prestígio que o próprio rei D. José o terá frequentado” 29 ; e o Teatro do Salitre.

29 VASQUES , Eugénia . Espaços Teatrais da Lisboa do Barroco ao século XVIII e XIX , *pag 15*

PAG.38

Em 1970, a arquitectura Italiana assume uma posição marcante na história da arquitectura moderna. Aldo Rossi juntamente com outros arquitectos formam um “grupo” , Escola de Veneza, onde voltam a promover conceitos como , história, monumento e tradição à procura de estabelecer uma relação teórica entre a análise urbana e a arquitectura.

No livro “L'Architettura della Città” de Aldo Rossi, publicado pela Fundação Graham de Estudos Avançados em Artes Plásticas, Chicago, Illinois e do Instituto de Arquitetos e Estudos Urbanos, New York, 1931, uma das principais obras sobre a teoria da arquitectura urbana o autor desenvolve ideias sobre a construção da cidade.

Para Rossi a cidade deve ser entendida como arquitectura, não pode ser vista como uma imagem mas sim a construção e transformação da mesma.

“ Os lugares são mais fortes que as pessoas, o cenário mais que o acontecimento. A possibilidade de permanência é o único critério que permite que a paisagem ou as coisas construídas sejam superiores às pessoas “ 27 Quando Rossi desenvolve a hipótese de que a cidade é um objecto de arte caracterizado pela a historia e forma, consequentemente existe uma constante transformação e permanência da mesma.” Assim, a união entre o passado e o futuro esta na própria ideia da cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa e que , para concretizar-se, deve conformar a realidade, mas também conformar-se nela “ 28 É importante referir que neste livro, Aldo Rossi constrói um teoria sobre o modelo de cidade, não a define.

27 ROSSI , Aldo. *A arquitectura da cidade* . Tradução Martins Fontes , São Paulo ,1995 , pag 1

28 ROSSI , Aldo. *A arquitectura da cidade* . Tradução Martins Fontes , São Paulo ,1995 , pag 200

PAG.39

O projecto sustenta-se em dois conceitos defendidos pelo arquitecto anteriormente, o facto da arquitectura ser inerente à sociedade e a construção como uma prática que relaciona a memória individual e coletiva da cidade.

Encomendado para o carnaval de Veneza, o Teatro del Mondo é uma arquitectura efémera que se vai conservar na memória e na paisagem da cidade de acordo

com o título da exposição da Bienal de Veneza de 1980 "Presença do Passado" da qual esta obra vai ser inserida .

Rossi vai-se inspirar no teatros venezianos flutuantes e vai reinventa-lo, o teatro vai ser implantado em cima da água diante da antiga alfandega da cidade.

É uma estrutura de ferro, revestida de madeira que se divide num cubo central, contornado por volumes de escadas.

O corpo central, espaço de representação é desenhado pelo arquitecto como o coração do edificio o palco. Sobre este volume é apoiado um corpo octogonal, onde se inserem as galerias superiores.

O teatro del Mondo é um novo símbolo da cidade de Veneza e do teatro. Um teatro e barco, que navega pelas águas do Grande Canal, atravessa Veneza para encontrar o seu próprio espaço. Através de pequenas aberturas localizadas no corpo do edifício é possível utilizar a cidade como cenário para a peça, o teatro deixa de ser apenas um local de performance e passa também a ser um miradouro sobre a envolvente.

" Essa relação entre o "locus" e os cidadãos torna-se, pois, a imagem predominante, a arquitectura, a paisagem; e, como os factos fazem parte da memória, novos factos crescem juntos na cidade. Nesse sentido, de todo positivo, as grandes ideias percorrem a história da cidade e a conformam " 29

29 ROSSI , Aldo. *A arquitectura da cidade* . Tradução Martins Fontes , São Paulo ,1995 , pag 198

img . 53 - 60 . ARNELL e BICKFORD , 1991

Do Lugar à Peça.

Evidenciar a Relação. Conclusão

"(...) *Eles não sabem, nem sonham,*

que o sonho comanda a vida.

Que sempre que um homem sonha

o mundo pula e avança

como bola colorida

entre as mãos de uma criança. " 27

27 GEDEÃO , António . *in Movimentos Perpétuo* .

PAG.43

O lugar enquanto fragmento territorial, manifesta características que o contextualizam, referências morfológicas e geográficas que lhe garantem uma identidade (conjuntos de elementos que permitem fazer uma diferenciação); "reconhece-se porque é construído" até então, é apenas um fragmento territorial justificado por condicionantes.

É o resultado de um pensamento, sobre determinada realidade, tendo em conta a sua identidade.

Tendo em conta que o entendimento simplificado, do espaço resulta de um conjunto de condições percecionáveis pelos sentidos do homem; uma primeira diferenciação entre todas as outras adquire uma importância indispensável: o horizonte, enquanto linha que diferencia e desagrega o céu da terra ou do mar.

Desde sempre que o homem tem diante de si esta primeira divisão da paisagem, definida por uma linha, que por sua vez define os limites do céu e da terra.

" A palavra horizonte deriva do grego *orizomai*, que significa definir. De *orizomai* deriva o termo *orizante*, que significa circundar qualquer coisa. " 28

Os limites são obrigatórios para toda e qualquer coisa possuir forma; consecutivamente tornar-se lugar, definível e identificável, que caracteriza a imagem da cidade.

Após a análise do sistema da cidade de Lisboa e da compilação bibliográfica utilizada como objeto de estudo fica-se com a percepção que a concepção de limite corresponde à divisão do sistema da cidade e às relações físicas, visuais e emocionais que a cidade transmite; através do desenho urbano do movimento e da forma como se habita e se relacionam os espaços, os lugares.

A partida a noção de limite é entendida como uma barreira entre o interior e o exterior, uma fronteira entre duas realidades.

No entanto não existe nenhuma definição fixa para o conceito de limite, qualquer alteração feita sobre esta “linha”, menos ou mais visível, vai alterar / alargar a percepção que se tem sobre o espaço; ou seja pode converter-se numa “costura”; uma linha que relaciona e interliga duas áreas da cidade.

É nesta linha de pensamento que se inclui a proposta para Monsanto, desenhar um sistema que consiga relacionar a cidade e o parque.

É numa linha de limite identificada na malha urbana da cidade que surge a possibilidade de incorporar a proposta, Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente

Desenha-se uma peça, um equipamento único com um carácter extrovertido que se “abre” para a cidade, pretende-se que o edifício marque fortemente a experiência do lugar.

A estrutura do edifício vai servir como palco para a expressão individual ou coletiva do homem. Esta “agarrada” ao chão, faz parte da cidade mas desenha um lugar de exceção, uma sensação de distanciamento e contemplação.

Um espaço de acontecimentos públicos e sociais onde o indivíduo e a multidão, o sol e a sombra, o barulho e o silêncio, o calor e o frio, o cheio e o vazio, são abrigados possibilitando uma ocupação livre e espontânea com uma forte relação com a envolvente.

Eleição do Lugar na Cidade.

Bairro do Caramão da Ajuda

PAG.47

Analisando a evolução urbana da cidade, numa primeira fase a cidade desenvolveu-se ao longo do rio, por todas as condições geográficas associadas a uma cidade ribeirinha.

Esta evolução temporal vai-se afastando da frente de rio, mas sempre com uma intenção clara de criar ligações pendulares entre os núcleos edificados e o Tejo.

A estratégia passa por trabalhar estas ligações, assumindo os ligamentos como espaços fundamentais à conexão de um todo. Cria-se uma analogia entre a actual estrutura urbana e a fisionomia da mão; em que os cinco dedos só assumem as suas funções totais através de ligamentos.

Com base nesta ideia identificam-se na cidade, eixos aos quais se atribuem a função de dedos, mas que carecem de articulações. É sobre esta ligação entre os dois sistemas que se pretende desenvolver.

De uma análise criteriosa nesta zona da cidade escolhe-se como zona de intervenção uma faixa longitudinal, limitada a nascente pela Calçada da Ajuda e a poente pela Avenida de Ilha da Madeira, que se relaciona a sul com o rio Tejo e a norte com Monsanto.

Ao identificar nesta área os edifícios de carácter histórico de maior relevância , percebemos que estão associados um espaço verde marcante na estrutura da cidade. | Mosteiro dos Jerónimos - Jardim do Império, Palácio de Belém - Jardim do Ultramar, Palácio da Ajuda - Jardim Botânico |

Tendo em conta esta constatação existe uma intenção clara de criar a norte um remate, associando um edifício a um espaço verde.

“ A ponte pende com “ leveza e força” sobre o rio. A ponte não liga apenas margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte deixas as repousar de maneira própria, uma em frente a outra. Pela ponte, um lado separa-se do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra

firme.Com as margens, a ponte trás para o rio as dimensões do terreno, retraída em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio.” 30

30 HEIDEGGER,Martin , *Construir , Habitar e Pensar*

PAG.49

Depois da Exposição do Mundo Português em 1940 em que a plantação do Parque de Monsanto fazia parte do programa; inicia-se um plano de habitação social para a encosta desta zona da cidade, Ajuda e Restelo.

Estes novos espaços (bairros construídos pelo Estado Novo) normalmente edificados em zonas isoladas da cidade tentam de certa maneira remeter à vivência no campo.

O bairro do Caramão da Ajuda, desenhado pelo arquitecto Luís Benavente em 1938 e construído entre 1940-1945 é um exemplo de um destes bairros, modesto e pobre a nível da arquitectura e de programa; a partida existiam dois equipamentos "obrigatórios" nestes bairros habitacionais, uma Igreja e uma escola.

Construído na encosta do Parque de Monsanto, virado para o rio Tejo; limitado a norte pela mata de Monsanto e a sul pelas torres do Restelo.

É composto por várias habitações unifamiliares em banda de dois pisos, com cerca de 50m² e dois quintais. Um à frente mais pequeno e um nas traseiras que representa cerca de metade do lote.

PAG.51

Na altura do desenvolvimento industrial da cidade de Lisboa consequentemente com o aumento da população surge a necessidade de criar novos espaços habitacionais; é nesta sequência que nasce a Vila de Pedro Teixeira, 1924. Um

bairro operário construído na encosta da Ajuda onde viria a ser construído o bairro do Caramão da Ajuda.

Apesar da praça principal do bairro ter o nome de "Praça da Igreja" e de existirem registos de um Igreja na cartografia antiga não existe qualquer vestígio ou documentação que prove que realmente foi edificada.

No local onde deveria ser implantada a Igreja do bairro existe um reservatório da EPAL.

O reservatório do Restelo, hoje em dia desactivado tinha como função a distribuição de água da zona alta da encosta do Restelo, desde a Tapada da Ajuda até ao bairro de Caselas, o abastecimento deste reservatório era feito a partir do reservatório de Monsanto.

A eleição da implantação desta infraestrutura foi condicionada pela proximidade com a zona a abastecer e com a cota "ideal" para se estabelecer uma relação funcional com o reservatório de Monsanto.

É uma estrutura rectangular com cerca de 38metros por 54metros com 6,5 metros de profundidade, para uma altura máxima de 5metro de agua.

Para o apoio do funcionamento deste sistema existe uma casa de manobras idêntica à que existe no reservatório de Telheiras.

Para a execução da obra foi aberto um concurso público, acabou por ser adjudicado à " Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio, Lda"; os trabalhos foram iniciados em Janeiro de 1959 e acabaram em 1961.

Hoje em dia o fornecimento desta zona da cidade é feito através do reservatório de Campo de Ourique.

Sempre existiu uma vontade de ligar o Parque de Monsanto à cidade de Lisboa, uma das grandes estratégias impulsionadores desta "relação" foi feita através do desporto. Em 1962 surge por parte da Câmara Municipal de Lisboa um projecto de Piscinas e campo de Jogos para o parque de Monsanto. Situado a Poente do Bairro do Caramão da Ajuda.

O complexo desportivo: Bilheteira. Pavilhão e Campo de Basketball . Piscina.
Campo de Vólei. Ring de Patinagem. Parque Infantil. Pavilhão com Pérgula.
Estacionamento para carros. Espelho de água

A Peça. Proposta

Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente

PAG.59

O processo de transformação do lugar vai estar sempre associado à vontade de transformar o limite entre Lisboa e Monsanto através de programa e da estrutura da proposta.

A ideia da proposta é desenvolvida através alguns pontos fundamentais; a intenção de ligar Monsanto a cidade, a vontade de transformar a praça da Igreja e atribuir-lhe novas vivências e a apropriação da pré existência, reservatório de água da EPAL já desativado de 39x54m, para implantar o Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente.

O projeto desenvolve-se a partir de três plataformas que se articulam entre si e que abraçam o programa, são desenhadas possibilitando criar enfiamentos visuais e pontos de observação entre a Monsanto, Cidade e Rio.

Plataformas vão ser o espaço intermediário entre a cidade e Monsanto, entre o exterior e interior, criando uma continuidade entre estas duas realidade. Ao optar por este tipo de intervenção cria-se novas bases, que permitem novos usos e diferentes prespectivas da envolvente, pode-se redefinir o lugar, dar-lhe uma nova essência. Permite trabalhar a duas escalas, por um lado o edifício pertence à cidade e transforma a grande escala do território por outro lado desenha a pequena escala, servindo o maior número de possibilidades sensoriais e espaciais a um ou vários indivíduos.

A própria estrutura do edifício vai servir como um palco para a expressão individual ou coletiva do homem. Esta “agarrada” ao chão, faz parte da cidade mas desenha um lugar de exceção, uma sensação de distanciamento e contemplação.

PAG.61

A proposta pretende criar um equipamento único com um carácter extrovertido que se abra para a cidade e que marque fortemente a experiência do lugar. O programa é diversificado e o próprio edifício desenha uma vontade de ligar o bairro a Monsanto.

O elemento central proposto inicialmente é um Teatro, Centro Experimental Teatral Gil Vicente, que se vai apropriar da estrutura desativada existente, o reservatório de água; este espaço vai ser interpretado de maneira a salientar suas capacidades espaciais

Existe um cuidado de manter a estrutura presente, de maneira que o novo programa inserido vai estar assente numa laje (cota -5) que “flutua” 1,5m acima do reservatório; o acesso a esta laje é feito através de uma galeria que acompanha todo o perímetro do mesmo.

Em duas das laterais do retângulo é aproveitada a inclinação existente para se desenharem bancadas fixas que se viram para a blackbox; uma caixa central de 25x25x10m. O programa de apoio ao funcionamento do espaço de representação é distribuído em módulos adjacente ao mesmo. O acesso a este piso é feito através da cota superior (cota 0), que é uma extensão da praça do bairro do Caramão da Ajuda.

Esta cota (0) é o ponto central de distribuição de circulação da proposta, é desenhada uma rampa transversal que se apoia no muro de suporte existente que faz a ligação da estrada de Queluz à cota da praça, é desenhado também um acesso rampeado que une este espaço a Monsanto, no remate desta linha esta inserido o centro de Investigação Teatral (cota 15). É ainda na cota 0 que se cria

um espaço de representação coberto, por onde é possível se aceder a cota da estrada (cota 5) onde existe outro espaço de representação exterior.

O edifício pode ser quase que perfurado de um lado para o outro, existe uma “liberdade” e simplicidade de percursos que criam os diversos espaços que possibilitam diversas interações visuais e sociais e que podem ser apropriados consoante as necessidades de quem os vive.

“ Espaço - aqui estão eu, eles começam a reter-me espacialmente, não estou de passagem. Estou bem aqui, mas neste momento ao virar da esquina, há algo que desperta a minha atenção, a luz que entra de uma certa maneira (...) e assim me encontro numa viagem de descoberta. Conduzir, Seduzir, Largar, Dar Liberdade”
30

30 ZUMTHOR , Peter , *in Atmosferas* , 7º cap.

Bibliografia .

Livros . Documentos

SIMMEL , George . *The Metropolis and Metal Life* , 1903 , Tradução de Leopoldo Waizbort ,1995

LUME , Jorge . *O Homem e o Espaço Urbano* , Revista Portuguesa de Psicossomática , vol 1,

num2 , Portugal,1999

CULLEN , Gordon . *Paisagem Urbana* ,Tradução de Isabel Correia e de Carlos de Macedo ,

Edições 70 lda , Lisboa , 2013 , pag.11

SOLÁ - MORALES , Manuel . *Acções Estratégicas de reforço do Centro : Os Centros das metropoles*

- *Reflexões e Propostas para a cidade democrática do século XXI* ,

São Paulo , Terceiro Nome , Viva o Centro , Imprensa Oficial do Estado ,
São Paulo , 2001

VASQUES , Eugénia . *Espaços Teatrais da Lisboa do Barroco ao século XVIII e XIX*

ROSSI , Aldo . *A arquitectura da Cidade* , Tradução de Martins Fontes ,
São Paulo , 1995

RABAÇA , Armando . *Entre o Corpo e a Paisagem* , Departamento de
Arquitectura FCTUC ,

Coimbra , 2011

HEIDEGGER , Martin . *Construir , Habitar , Pensar* . (Bauen , Wohnen ,
Denken) 1951 conferencia

pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstad",

publicada em Vortge und Ausfsatze ,G,Neske,Pfullingen,1954 ,Tradução
de Marcia Sá Cavalcante Schubac

ZUMTHOR , Peter . *Atmosferas* , Barcelona , GG , 2009

CASTRO , José Roberto Siqueira . *Psicossomática : Uma atividade
interdisciplinar*

DOMINGAS R.Vasconcelos , RIO , Francisco Sousa ; DIAS ,José
Resende . *A frente Marítima*

do Porto : Uma Paisagem Urbana a salvaguardar e valorizar,2011 FLUP,
Porto,Portugal ,

Sites .

Programa . A Casa e a Cidade

<http://www.rtp.pt/programa/tv/p27233>

Registos do Bairro do Caramão da Ajuda

<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/Documento.aspx?>

Registos do Frente maritima do Porto

http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/05/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos_20.html

<http://portoarc.blogspot.pt/2013/02/bairros-da-cidade-xxxi.html>